



Faivovich & Goldberg com uma maquete de El Chaco. Friedrichsplatz, Kassel, 3 de novembro, 2011.

EL CHACO EM KASSEL E O PESO DA INCERTEZA

Graciela Speranza

Movidos pelo mistério de um objeto cósmico de 37 toneladas convertido em arte, os visitantes desavisados da DOCUMENTA (13) devem ter chegado à Friedrichsplatz esperando encontrar um meteorito. O guia da mostra não deixava dúvidas sobre a natureza extraterrestre da obra que Guillermo Faivovich e Nicolás Goldberg haviam instalado na praça, tampouco sobre seu épico traslado desde a zona de dispersão meteórica de Campo del Cielo, no norte da Argentina, até a Alemanha. A presença, em Kassel, de El Chaco - “o segundo maior meteorito da Terra e o mais pesado objeto extraterrestre já transportado” - prometia intersectar, durante os cem dias da mostra, dois santuários laicos de espanto sensível e peregrinação, além de materializar um “paradoxo temporal”, como ocorre no início de 2001 - Uma Odisseia no Espaço. Mas não com um pequeno monólito vindo do futuro, e sim com um objeto celeste que

aterrissou nos pastos do Chaco Austral [1] há mais de quatro mil anos e que foi trasladado a um dos epicentros da arte contemporânea [2]. Se restavam dúvidas sobre a mutação estética que a rocha cósmica havia sofrido nesse trânsito, uma imagem com um vazio recortado no lugar do meteorito deixava claro que, quando o visitante tivesse o guia em mãos, El Chaco não estaria no Parque Provincial Pigüen N'Onaxá ["Campo del Cielo", em língua aborígene local], mas em Kassel – não muito longe da barra metálica de um quilômetro [The Vertical Earth Kilometer] que Walter De Maria enterrou na praça em 1977 e do primeiro e último dos 7.000 carvalhos [7000 Eichen], acompanhados por uma pedra basáltica, que Joseph Beuys plantou na cidade entre 1982 e 1987. Com o mesmo mutismo minimalista de De Maria e a mesma literalidade metafísica de Beuys, El Chaco en Kassel prometia uma meditação sobre o conceito e a matéria, o uno e o múltiplo, o visível e o invisível, a imobilidade e o movimento, a mudança e a permanência, o sul e o norte, a arte, o espaço, o tempo, o planeta, o universo.

In situ, no entanto, o paradoxo era outro. Por mais que o visitante recorresse ao mapa do guia buscando a pedra celeste, e antes mesmo de que chegasse a se perguntar por que exibi-la em uma mostra de arte, El Chaco brilhava pela sua ausência. No exato lugar da praça destinado aos artistas, o público encontrava somente um bloco de ferro oxidado, que era pura "massa e gravidade" em um mundo "desmaterializado e digitalizado", como indicava o guia, mas que estava muito longe de ser um meteorito. Como entender essa ausência, se o próprio título El Chaco en Kassel reduzia a obra a uma presença?



El Chaco - meteorito do Campo del Cielo, província Chaco, Argentina.

Transportar um corpo celeste de 37 toneladas do norte da Argentina para a Alemanha não era uma tarefa simples, mas a obra anterior de Faivovich & Goldberg, Meteorit „El Taco”, dissipava eventuais dúvidas sobre a eficiência da dupla na engenharia institucional e nas empresas estético-cósmicas. Em outubro de 2010, eles reuniram na galeria Portikus, em Frankfurt, duas metades de outro meteorito de Campo del Cielo, as quais estiveram separadas por 45 anos, após terem resgatado pacientemente a história de seus avatares e de suas viagens. Na sala desnuda do Portikus também havia uma lacuna, uma distância inquietante que separava as duas metades sem que pudessem se reunir completamente, convertendo o centro da obra em um vazio, um ímã de enigmas que F & G esclareciam somente em *The Campo del Cielo Meteorites - Vol. 1: El Taco*, disponível na livraria do entrespaço da galeria [3]. Como uma montagem paralela, a coleção de documentos, relatórios e fotos da publicação compunham a história do meteorito desde a sua origem, no cinturão de asteroides entre Marte e Júpiter, e sua aterrissagem no Chaco Austral. Documentava também a expedição que o trouxe à superfície em 1962, bem como as gestões para que fosse “emprestado” ao Smithsonian Institution de Washington, sendo mais tarde seccionado na Alemanha e, por fim, tendo sua parte maior remetida a um depósito do Smithsonian (com temperatura e umidade controlada), e a parte menor enviada ao jardim do planetário de Buenos Aires, onde dormiu ao relento desde 1972. Mais do que denunciar os abusos encobertos do colonialismo e apontar as desigualdades entre o Primeiro e o Terceiro Mundo, visíveis na cor e na textura das metades, a reunião de El Taco compunha os restos do meteorito em uma obra que convidava a considerar os motivos e os efeitos do duplo exílio, antes de ser decomposta [4]. F & G não somente demonstraram na Portikus que eram capazes de reunir o que anos de intrigas científicas, patrimoniais e uma sofisticadíssima máquina alemã haviam separado irremediavelmente, mas também devolviam cada coisa ao seu lugar, transformada invisivelmente pela experiência.

Mas o bloco de ferro na Friedrichsplatz era ainda mais reticente que a ponta partida do iceberg de El Taco, sem apresentar mais pistas sobre a ausência do meteorito que o novo título, *the weight of uncertainty* [o peso da incerteza], e impenetrável em sua pesada carga de incerteza. Não muito longe dali, em uma sala do museu Fridericianum, se comprovaria que entre a data que figurava no rodapé do texto do guia, 26 de janeiro de 2012, e a inauguração da *DOCUMENTA* (13), em junho do mesmo ano, a obra não só havia mudado de nome, mas também de meio e de gênero, sem perder contudo sua familiaridade com Meteorit „El Taco”. Nas transcrições das quatro cartas que F & G apresentaram na sala, ficava claro que o meteorito nunca pôde sair do Parque Provincial chaqueño. De façanha épica, El Chaco em Kassel passava a ser um folhetim institucional, midiático e político, e o bloco de ferro não era mais do que o vestígio minimalista de uma obra infinitamente mais rica: a viagem de ida e volta

que a coisa empreendeu sem sair do Chaco, um percurso que F&G iriam recompor em um vasto arquivo de coisas ditas [5].

O paradoxo temporal, entretanto, havia mudado de signo. Se desandando a longa trajetória de um meteorito a ciência pode reconstruir um capítulo do passado remoto do universo, a viagem nunca realizado de El Chaco, por sua vez, falava do presente da arte, da cultura e da política, revelando uma complexa trama de consensos e dissensos que a rocha cósmica conseguiu iluminar sem se deslocar um milímetro do seu humilde pedestal no Parque Provincial. Às muitas definições da arte contemporânea, a nova obra agregava a eloquência da deserção ou do fracasso, não para se somar aos muitos projetos interrompidos, impossíveis ou mal sucedidos da história da arte – os “caminhos não construídos” que listou Hans Ulrich Obrist e que a Agency of Unrealized Projects [Agência de Projetos Não Realizados] de Liam Gillick coleciona –, mas como desvio imprevisto que cria uma nova obra, inesperada e reveladora [6]. Não de acordo com ter inspirado o “ready-made cósmico” ou o “already-made” – como F & G o preferem chamar –, El Chaco em Kassel havia mobilizado o not-made – a arte do não feito –, descarrilamento duplo, involuntário e no entanto eficaz do projeto artístico [7]. “A arte não se define somente pelo que é ou não é, pelo que faz ou pode fazer”, escreveu a diretora artística da dOCUMENTA (13), Carolyn Christov-Bakargiev, inspirada na ausência de El Chaco, “mas também pelo que não faz ou não pode fazer, e mesmo pelo que quis fazer e não pôde.” [8] O escritor argentino César Aira já o havia antecipado em um meio mais opaco (“A literatura”, disse certa vez, “é o reino das intenções que falharam; se a intenção falhou, há literatura”), e antes mesmo Georges Bataille com sua acalorada defesa da soberania genuína: “O projeto é a prisão de que quero escapar.” [9]



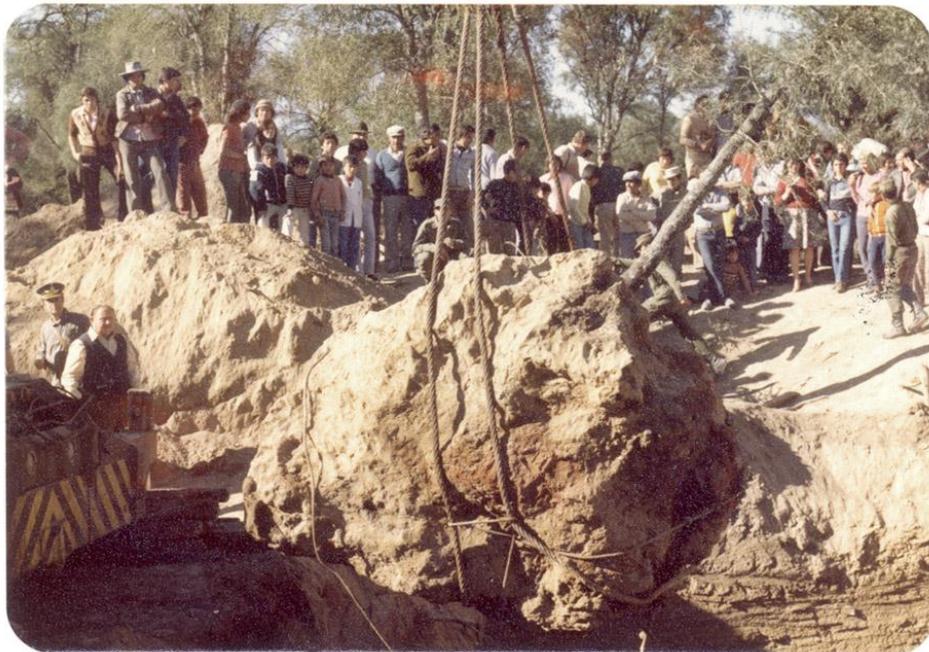
Fotografia do relatório “Extração do Meteorito da Cratera 10, “El Chaco”, de Argentino F. Romana, 1980.

A coisa. A imobilidade obstinada de El Chaco tem uma longa história, mas para F & G ela começa em 1º de junho de 2006 no parque Pigüen N’Onaxá, na paragem Las víboras, a 15 quilômetros da pequena localidade de Gancedo, na província do Chaco. Basta ver o vídeo que registra o primeiro encontro com o meteorito para que se possa comprovar que o contato imediato provocou um impulso duplo - se for o caso de soar profético - de mover a coisa e emprestar ouvidos às vibrações que o “movimento” [10] poderia provocar. O registro documental retrata os artistas em uma breve cena patafísica na qual cada um trata de empurrar a mole cósmica, enquanto o outro, montado sobre a rocha, tenta ouvir ou perceber algo com o corpo. A resistência imperturbável de El Chaco parece ter acendido a curiosidade e a imaginação artística da dupla, pois ali nasceu um projeto inclassificável - Una guía a Campo del Cielo [Um guia para Campo del Cielo]- que reuniria arte, história e ciência. A investigação e as sucessivas visitas, no entanto, não fizeram mais do que multiplicar os enigmas. Quatro anos mais tarde, F & G resumiriam o percurso escabroso da peça maior e as primeiras conquistas do projeto para apresentar uma proposta à DOCUMENTA (13) em “Una breve historia del meteorito El Chaco” [Uma

breve história do meteorito El Chaco], um relato condensado de seu destino terrestre, desde seu descobrimento na paragem Las víboras a sua potencial viagem pelo mundo, na versão miniaturizada do primeiro selo 3D da filatelia argentina, criado por F & G em 2007.

A “breve história” começa com uma série de expedições científicas que o geólogo norte-americano William Cassidy empreendeu com um grupo de colegas argentinos durante os anos 1960 para investigar as crateras de impacto da zona [11]. Em 1969, alertado por um habitante do local, chamado Raúl Gomez, Cassidy encontrou o maior sobrevivente conhecido do asteroide que aterrissou no Chaco (daí, cabe imaginar, a antonomásia do nome) ou, melhor, a cratera alargada criada pelo impacto e os restos carbonizados da vegetação que foram arrastados pela passagem do corpo celeste, os quais permitiram calcular a “idade terrestre” do asteroide. Em escavações posteriores, Cassidy comprovou a dimensão extraordinária da sua descoberta, calculou seu peso aproximado, estimando o seu volume, e travou uma amizade com essa mole de 18.000 quilos, segundo seus cálculos, que lhe iria revelar dados preciosos sobre as origens do sistema solar e a evolução planetária. Em uma das primeiras fotos que ilustram “Una breve historia...”, tomada em 1972, é possível ver Cassidy varrendo o pó acumulado sobre o asteroide durante a noite, como se celebrasse seu reencontro postergado com a luz do dia, após uma longuíssima noite em que estivera enterrado. Mas El Chaco teria que esperar mais oito anos para vir à superfície. Em 1980, enquanto a ditadura militar que ocupava o governo desde 1976 oficiava enterros clandestinos, Argentino Romaña, um agrimensor da Universidad del Nordeste que havia participado das expedições de Cassidy, pôde por fim desenterrar El Chaco com uma grua da companhia de vias públicas da província, em uma operação dirigida pela força aérea argentina, e pesá-lo em uma balança comercial de Gancedo. O meteorito superou em 15 toneladas os cálculos de Cassidy e, embora com seus 33.400 quilos resultasse ser o maior meteorito descoberto em Campo del Cielo, foi simplesmente colocado junto à cratera, sobre os dormentes de uma estrada de ferro. Abandonado durante uma década, perdeu seu pedestal improvisado em um misterioso incêndio, serviu para grafiteiros estamparem seus nomes, ficou semioculto entre os pastos e em 1990 ainda foi presa de um caçador de meteoritos do Arizona, Robert A. Haag – detido pela polícia quando tentava cruzar a fronteira provincial com Santiago del Estero carregando El Chaco em um caminhão, depois de uma confusa transação de “compra”. Antes de tentar transportá-lo aos Estados Unidos, Haag o havia pesado com a grua que carregou a rocha até o caminhão. El Chaco ganhou mais 3,5 toneladas na nova pesagem, mas deixou em aberto a questão a respeito do seu peso correto, uma cifra capital para a investigação científica e para fixar seu lugar no ranking mundial de meteoritos. Em 1990, o governo provincial sancionou uma lei que declarava ser “de utilidade pública, interesse social, e destinado ao uso público” qualquer corpo natural proveniente do espaço encontrado no território da província [12]. Mas se passariam mais oito

anos até que fosse expropriado por lei o terreno de 100 hectares que abrigava El Chaco, para que fosse criada a Reserva Provincial Natural Cultural Pigüen N'Onaxá e para que o meteorito por fim descansasse em paz, rodeado por uma cerca de madeira, no lugar exato onde F & G o encontraram em 2006, vigia imóvel do céu tombado no campo, sobrevivente tenaz de explosões e viagens siderais, testemunha muda de quatro mil anos de história do planeta.



Fotografia do relatório “Extração do Meteorito da Cratera 10, “El Chaco”, de Argentino F. Romana, 1980.

Para a ciência, El Chaco é um clássico meteorito octaédrico e metálico, composto principalmente de ferro (93%) e níquel (7%), com incrustações de silicato-grafite [13]. Mede aproximadamente 240 x 220 x 200 cm. Segundo um relatório do Serviço Geológico Mineiro Argentino, apresentado ao governo federal em 2012, seu valor no mercado de meteoritos pode ser estimado em 37 milhões de dólares, embora seja uma cifra aproximada, pois até hoje se desconhece seu peso exato [14].

Coisas ditas. Movidos pela reunião de El Taco e talvez também por uma infância pródiga em filmes de ficção científica e relatos de aventura, F & G decidiram “realizar” a cena patafísica do primeiro encontro com El Chaco, transportando-o a Kassel para devolvê-lo a Gancedo quando encerrada a mostra. Com a dupla viagem transatlântica do meteorito e sua apresentação pública em outro contexto, país e continente, os artistas esperavam não somente amplificar a experiência do ready-made em um

dos mais visitados centros da arte contemporânea, mas também iluminar a aura de um objeto único, vindo do além, que tornava irrelevantes as fronteiras criadas pelo homem e que talvez colaborasse com a campanha para transformar Campo del Cielo em Patrimônio da Humanidade. Ao mesmo tempo, inverteriam a direção clássica da rota colonial e as pilhagens patrimoniais com um trajeto Sul-Norte-Sul concebido na América do Sul, determinando por fim o peso correto de El Chaco [15]. A travessia no entanto mudou de rumo inesperadamente. A coisa, como se comprovará em seguida, não pôde sair do Chaco, mas viajou a Kassel na imaginação de F & G e de funcionários nacionais, provinciais e municipais; astrônomos; antropólogos; vizinhos da comunidade moquit; jornalistas; deputados; transportadores; profissionais de agências de seguro; e artistas e curadores internacionais que se somaram ao planejamento da viagem nos seus mínimos detalhes. Mais tarde, sofreu todo tipo de acidentes nos presságios funestos dos detratores do traslado: afundou no Atlântico como o Titanic, caiu de um avião que a transportava, foi mutilada, expropriada, embargada, roubada e vendida, causando inclusive desastres ambientais e traumas inenarráveis nos povos nativos do Chaco. Convém um olhar atento aos pormenores da ida e da volta, fases complementares da nova obra, resumidas metaforicamente em *the weight of uncertainty* – o bloco de ferro fundido de 3.544 quilos que se assoleou na Friedrichsplatz e as quatro cartas que F & G mostraram no Fridericianum, versão abreviada do relato rocambolesco que uma rocha muda inspirou sem sair de sua fortuita localização no sul da América do Sul [16].



Alberto Korovaichuk, prefeito da cidade Gancedo, e Carolyn Chistov-Bakargiev, diretora artística da DOCUMENTA (13), 21 de maio, 2011.

A ida. Quis o acaso que a viagem de El Chaco a Kassel fosse gestada em 6 de janeiro de 2010, exatamente dois anos e meio antes da inauguração da dOCUMENTA (13), data na qual o Ocidente católico celebra a chegada dos Reis Magos a Belém, guiados pelo movimento fulgurante de um corpo celeste. Em maio de 2011, acompanhados da diretora artística da mostra, F & G apresentaram o projeto ao governador do Chaco, a outras autoridades nacionais e provinciais, e em Las Tolderías visitaram um representante dos aborígenes moqoit, indicado como referência das comunidades mocovíes do grupo linguístico guaicuru, que hoje vivem no sul do Chaco argentino. Uma foto do dia 21 daquele mês retrata Carolyn Christov-Bakargiev com Alberto Korovaichuk, prefeito de Gancedo, no mesmo espaço em que as coordenadas institucionais, históricas e geográficas começaram a se intersectar. O grande mapa da pequena localidade de Gancedo e o mapa que Ángel Justiniano Carranza projetou para a expedição de 1883 ao Mesón de Fierro [Mesa de Ferro] [17] convivem no pequeno escritório com um guia turístico de Campo del Cielo entre os papéis da curadora e um exemplar de Volumen 1 de F & G que está sobre a mesa, antecipando o cruzamento de tempos, espaços e culturas que o projeto reuniria no seu desenrolar. Meses mais tarde, com o compromisso firme da dOCUMENTA (13) de assumir a responsabilidade e os custos do traslado temporário, com numerosos avais nacionais e internacionais e nos termos estritos de confidencialidade que a mostra exigia, o governo do Chaco preparou um projeto de lei provincial de aprovação indispensável para autorizar o empréstimo de um bem patrimonial, segundo a legislação vigente.

Entretanto as instituições argentinas e alemãs começaram a trabalhar no planejamento detalhado da viagem. El Chaco partiria da paragem Las víboras em 10 de fevereiro de 2012, embalado em uma caixa especialmente desenhada para poder fixá-lo, amarrá-lo e levantá-lo durante o traslado. Viajaria ao porto de Buenos Aires em um transportador de tanques de 18 metros de comprimento provido pelo exército argentino e em 15 de fevereiro embarcaria em um cargueiro da Hamburg Süd, centenária empresa de transporte naval, colaboradora e entusiasta da missão inaudita de cruzar o oceano carregando um meteorito. A imagem da mole cósmica amarrada a sua caixa na bodega de uma embarcação que atravessa o Atlântico seria suficiente para mobilizar a imaginação de Lautréamont e dos surrealistas, mas El Chaco estava destinado a protagonizar outros encontros insólitos na arte do século XXI. De corpo fatalmente enraizado ao lugar no qual o choque violento com a Terra havia interrompido sua longa trajetória pelo Universo, em alto-mar se transformava em objeto radicante que, em sintonia com a arte do seu tempo, deslocava-se para cobrar outros sentidos em outros contextos [18]. Viajante consumado, havia percorrido o cosmos durante 4,5 bilhões de anos, mas pisaria no solo europeu pela primeira vez em 30 de abril, em Hamburgo, e viajaria em transporte de carga até chegar a Kassel em 21 de maio, a tempo de aterrissar – dessa vez, amistosamente – na

Friedrichsplatz, nos braços de uma grua, adaptando-se à estranha paisagem do Primeiro Mundo, e quem sabe desfrutando da companhia de seus vizinhos minerais – as pedras basálticas de Beuys e o quilômetro de chapa metálica de De Maria. Durante a mostra, colheria milhões de olhares de visitantes abismados – um grau de exposição extraordinário, considerando os milhares de anos de enterro e sua vida reclusa na paragem Las víboras –, e no dia 17 ou 18 de setembro empreenderia o regresso que concluiria seu périplo de monumento efêmero ou Cinderela cósmica, quando voltasse ao seu pedestal de parque em novembro.

Para que a viagem começasse, depois de garantida a logística do transporte, faltava somente a aprovação do projeto de lei provincial, que a Câmara de Deputados da província do Chaco debateu na sessão extraordinária do dia 29 de dezembro. Aos inúmeros paradoxos de El Chaco em Kassel, o parlamento acrescentaria um dos mais curiosos: a sessão que autorizou a ida do meteorito acelerou sua volta e proporcionou uma das peças mais excepcionais da nova obra, um verdadeiro manancial de coisas ditas e um ganho inesperado para um projeto de arte. As 89 páginas da versão taquigráfica do acalorado debate – “uma das sessões mais importante que tivemos nesta legislatura”, segundo um dos deputados que mais duramente questionou o traslado e que, embargado pela emoção, teve que interromper várias vezes suas intervenções – mobilizam todo o arco de debates processuais, patrimoniais, históricos, estéticos, políticos, geopolíticos e partidários abertos por El Chaco em Kassel, em um jogo de cena polifônico dos mecanismos de representação democrática, o qual vai mudando de tom e de gênero à medida que avança [19]. Desde as intrincadas discussões de procedimentos que ocupam as 20 primeiras páginas (que não destoariam de uma peça de Ionesco) e a obra didática composta pelos sólidos argumentos dos deputados oficialistas e da oposição partidária (invariavelmente a favor e contra o projeto), a discussão transforma-se em teatro épico ou em um auto filosófico-teológico, ao passo que as posições se distanciam, com rompantes líricos, entremeses, longos solilóquios, saídas de cena no fórum e apartes. As mais variadas razões são esgrimidas no debate – desde a oportunidade única proporcionada pelo convite sem custos para exibir o patrimônio cultural e natural da província e promover a pesquisa científica e o turismo [20], até a importância de preservar o meteorito em seu contexto, junto ao povo moquit [21], e os múltiplos riscos que a viagem implicava, os quais incluíam de um eventual embargo por parte dos credores de títulos argentinos na Alemanha, até a possibilidade de que os próprios F & G fossem caçadores de meteoritos disfarçados [22]. Não faltam expressões de fé nos efeitos impensados da arte, tampouco coloridas explosões de receio federalista [23], suspicácia nacionalista [24] e lealdade partidária. Por fim, a votação aproxima a peça de um thriller político, com a vibrante recontagem dos votos, que resulta em um empate, desfeito em seguida pelo duplo voto positivo do presidente da Câmara, pelo qual o projeto de lei é aprovado.

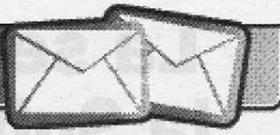
Sancionada a lei, depois de quase dois anos de articulações, tudo estava preparado para que a viagem acontecesse. Após uma longa fase logística e burocrática, El Chaco preparava-se para sua aventura estética. Em plena era da arte da cópia, da apropriação, do sampling e do fluxo espectral de imagens virtuais, F & G apresentariam em Kassel uma obra imensuravelmente matéria e inimitável, a mais antiga da arte contemporânea, anterior ao homem, ao planeta Terra e à arte, a qual burlava inclusive os cânones duchampianos do ready-made com um objeto único, escultórico e extraterrestre; um vivo dito intergaláctico e mudo com ecos de Alberto Greco, sem a presença nem o dedo indicador nem a assinatura ostentadora do artista. Por incrível que pareça, o próprio Duchamp o havia antecipado: “Algum dia no futuro próximo”, disse, “a galáxia completa de objetos se transformará em ready-mades” [25]. Se um mictório apresentado no Salão dos Independentes de Nova York em 1917 havia alterado o curso da história da arte moderna, que impacto inesperado poderia provocar a aterrissagem de um meteorito na DOCUMENTA? Falaria, como esperavam os organizadores da mostra, da “importância da matéria (matter) e de por que os materiais, as coisas e os objetos importam (matter) na era digital avançada?” [26] Com sua viagem de ida e volta, essa “coisa de outro mundo” conseguiria abrir novos caminhos entre o local e o global, a periferia e o centro, indo além dos atalhos enganosos do multiculturalismo adocicado e do nomadismo turístico?



Capa do jornal El Diario, em 30 de dezembro de 2011.

As perguntas no entanto foram apenas formuladas. Quando a aprovação da lei tornou-se pública e os meios de comunicação fizeram eco das vozes opositoras que começaram a se levantar, o meteorito empreendeu seu regresso. Na fase mais política, a volta, El Chaco em Kassel iria revelar que a democracia representativa, mesmo com o respeito estrito de seus procedimentos, pode somente expor “sua inadequação estrutural para representar o inteiro, a comunidade, o indiviso” [27]. Como a coisa ausente na nova obra, a comunidade só pode estar presente na democracia em sua ausência: um “nada político”, como sugere Roberto Esposito, coroando uma longa tradição de desmitificação da democracia, “que designa às guerras da política um direito que nunca será justo.” [28]

A volta. Pouco depois de sancionada a lei que autorizava o empréstimo, as vozes opositoras já presentes no parlamento encontraram eco e se multiplicaram em outros âmbitos. Basta percorrer os jornais chaqueños do final de dezembro de 2011 e começo de 2012 para perceber o crescente clima de tensão, potencializado por ratificações de respaldo, novas mostras de receio e inclusive suspeitas sobre os caminhos insondáveis da arte contemporânea [29]. Duas cartas de leitores publicadas no jornal Norte reatualizavam o debate sobre as redefinições duchampianas de arte, autoria, original e cópia, sinalizando nas entrelinhas o maior potencial estético do “ready-made cósmico” em Kassel. “O meteorito será apresentado em uma exposição de arte. Arte? O que uma mole mineral tem a ver com arte?”, indagava um indignado leitor chaqueño. “Segundo a primeira definição de arte de uma enciclopédia, [arte] ‘é a criação do homem, imitando ou recriando a natureza por qualquer meio’. Alguém por acaso pode me apresentar ao criador do meteorito?” [30] Outro engenhoso leitor especulava que a presença da “maravilha” do Chaco na Alemanha prejudicaria o potencial turístico de vê-la in situ; como alternativa, propunha a criação de “fac-símiles” que poderiam viajar pela Europa – fazendo referência, sem saber, a um reenactment em grande escala das onze peças replicadas por Vija Celmins em *To Fix the Image in Memory* [Para fixar a imagem na memória, 1977-1982]: “Estou seguro de que em nossa província existem pessoas idôneas capazes de fabricar duas ou três cópias em tamanho real e idênticas aos aerólitos em textura e cor, o governo deveria contratá-las e fazer as peças.” [31]

Cartas de lectores


El meteorito, no

Señor director de NORTE:
Vuelvo a ocupar este espacio que usted ofrece para que vieran sus opiniones los lectores, esta vez para suplir, muy modestamente, el silencio de las ovejas (traducción literal del título de una conocida película) en que han caído sus columnistas y colaboradores al no dedicar ni una línea a este tema tan sensible para los chaqueños como es el traslado a Alemania del meteorito y cuya autorización está sospechada de irregularidades; ni siquiera ha elaborado una encuesta como lo ha hecho por temas más intrascendentes. Y digo sospechada, primero por la Asamblea. Perón decía que para que no se haga algo había que crear una comisión, yo pienso que para conseguir algo hay que organizar una Asamblea, digitamos los invitados, les damos la píldora y votamos, listo "vox populi, vox Dei"; y luego el bochorno en la Cámara de Diputados, que si hubo quórum o no, que si tenía que entrar por comisión o no, que si entró por comisión se cumplieron los pasos y plazos reglamentarios o no, si la votación era por mayoría simple o calificada; demasiados interrogantes, ¿no?

Por otra parte el meteorito sería presentado en una exposición de arte. ¿Arte? ¿Qué tiene que ver con el arte una mole mineral? Según la definición primera de arte de una enciclopedia "es la creación del hombre, por cualquier medio imitando o recreando a la naturaleza". ¿Me pueden presentar al creador del meteorito? Ahora, si los organizadores de la muestra lo quieren llevar para lograr mayor asistencia, lo lógico sería que llevaran el N° 1, el más pesado, que no sé cuál es ni donde está ni

a quién pertenece, pero evidentemente aquí encontraron los ingenuos, o crédulos o "idiotas útiles" -diría yo- necesarios para lograrlo.

Según dijeron, el traslado no tendría costo alguno para la provincia, espero que esté amparado por un buen seguro, que se lo pese a la salida y a la vuelta -si vuelve- no sea que alguien con un cortahierros desee quedarse con un "souvenir". ¿Y cuál sería el monto del seguro? ¿El valor intrínseco? ¿El valor como patrimonio provincial y nacional? ¿El valor del mercado en estas curiosidades mundiales? Sea cualquiera de estas variables, si no regresa luego de algunos escarceos legales, la aseguradora pagará y... ¡Oh! ¡Lo vendimos y en Pampa del Cielo ponemos una gigantografía del meteorito con un cartel diciendo "Aquí estuvo el meteorito Chaco"! para que se solacen los turistas.

Tiempo atrás, les recuerdo, un intrépido norteamericano intentó llevárselo, operación frustrada por la perspicacia de un agente policial de frontera que demostró tener más inteligencia que algunos de los diputados que supimos conseguir, sólo espero que nuestro gobernador recurra a la ley y la mande de nuevo a revisión para que se cumplan todos los recaudos reglamentarios y felicito a los organizadores de la muestra porque encontraron una forma más ingeniosa y sofisticada para cumplir el intento del norteamericano.

VICTORIO TOMASSONE
DNI 7.444.296
Córdoba 35
Resistencia

Carta de leitor publicada no jornal Norte, janeiro de 2012.

Mas as queixas mudaram de tom em uma série de iniciativas individuais difundidas nas redes sociais, comunicadas diretamente a diretora artística da dOCUMENTA (13): a volta entrava em sua fase étnica, astronômica e ambientalista. Um antropólogo argentino, pesquisador da cultura mocoví, mobilizou uma campanha de protestos entre os cientistas locais. Em nome do povo moqoit e desejando "colaborar para que sua voz se fizesse ouvir", instou os organizadores da mostra a suspender o traslado, que "feriria os direitos dos aborígenes do Chaco", uma vez que os meteoritos eram "importantíssimos marcos de seu território" e "parte fundamental de sua história e sua cultura" [32]. Uma organização ambientalista também solicitou a retirada da proposta e um professor de Santa Fé, integrante da Liga Ibero-americana de Astronomia, lançou uma "campanha global" de protestos. A dOCUMENTA (13), alertada pela oposição de alguns setores da comunidade científica e pelo suposto avassalamento da comunidade aborígene, garantiu que o pedido não seria mantido sem o "respaldo pleno dos 'povos originários', custódios tradicionais das terras do Chaco e da comunidade local como um todo" [33]. O governo do Chaco também atendeu às reclamações e, em uma instância sem precedentes na história do povo mocoví e talvez na história da província e do país, resolveu deixar

a decisão ao Conselho Moqoit, o qual aprovou o traslado por maioria, em assembleia celebrada no dia 24 de janeiro, na cidade de Villa Ángela, com uma minoria dissidente do Movimiento del Pueblo Moqoit del Chaco Argentino, que notificou seu desacordo ao governador do Chaco [34].



Marcha de protesto na praça 25 de Mayo, Resistência, Chaco, 18 de janeiro, 2012.

Com essa nova instância de decisão democrática, El Chaco parecia estar outra vez a caminho da Alemanha. Mas não foi assim. Informados em Villa Ángela dos resultados da votação do Conselho, mas também pela virulência da polêmica inesperada que havia se instaurado, F & G visitaram novamente o meteorito - alheio à tensão crescente - no Parque Pigüen N° Onaxá e, dois dias depois, a caminho de Resistencia [capital da província de Chaco], decidiram retirar sua proposta. Enquanto redigiam a carta que comunicava a decisão à dOCUMENTA, receberam um correio eletrônico de Etel Adnan, reenviado pela diretora artística da mostra, no qual a escritora, pintora e ensaísta libanês-norte-americana, também convidada a Kassel, celebrava a futura viagem do meteorito à Alemanha, um último “paradoxo temporal” do relato da volta. A presença de El Chaco em Kassel, dizia Adnan, seria “uma visitação do que ainda se desconhece”, “o ponto focal da dOCUMENTA”, “a presença de um arcanjo encarnado em pedra”. “E nos recordará”, também dizia, “que o centro do universo está em todas as partes; e que nesse caso, de uma forma poética, está onde quer que El Chaco esteja”. “Não nos levará para trás, creio; nos levará para frente, será um convite à raça humana para que continuemos nosso destino, será um novo ponto de partida para o mistério do Ser.” [35]



Capa do jornal Primera Línea, 23 de janeiro de 2012.

Em 28 de janeiro, acompanhando a decisão dos artistas, a dOCUMENTA (13) cancelou o pedido de empréstimo. Depois de uma longa viagem, El Chaco estava definitivamente de volta.

Coda. A história de El Chaco em Kassel no entanto não foi concluída no final de janeiro. Nos primeiros dias de março, F & G receberam a cópia de uma carta que o Conselho Moqoit havia enviado ao governador da província no início de fevereiro, assinada por inúmeras autoridades das distintas comunidades representadas no Conselho. Dando mostras evidentes de um grande esforço para redigi-la formalmente, escrita em uma língua que provocava estranhamento pelos erros de ortografia e sintaxe, mas clara na exposição das ideias e rica na expressão dos sentimentos, a carta ratificava a decisão “unânime” de apoiar o traslado à qual chegaram os representantes “legítimos” da comunidade – muito embora respeitada a posição dos “irmãos que não estão de acordo com esse projeto”, os quais careciam de legitimidade para tomar decisões. Também manifestava “pena e tristeza” pela decisão de cancelar o projeto, lamentando “saber que foi tudo por um grupo que não tem a representatividade institucional dentro do povo e como se fosse pouco acompanhado sem dúvida por

pessoa alheia a nosso povo (sic)”, “que uma vez mais nos usurparam nossa identidade escrevendo carta para as autoridades de DOCUMENTA dizendo que o povo originário não aceitavam que o meteorito seja trasladado temporariamente PARA a mostra (sic)” [36].



El Chaco em Kassel - Faivovich & Goldberg. dOCUMENTA (13).

A história da ida e da volta de El Chaco poderia se encerrar com essa carta, escrita em uma língua virtualmente intraduzível às línguas de Kassel, a qual, com seus restos aculturados de outra língua, a dos descendentes das primeiras testemunhas da aterrissagem de El Chaco na Terra, reconduzia ao começo. A carta ao mesmo tempo abria novas perguntas sobre a representatividade democrática, os caminhos legítimos para dar voz ao Outro, as armadilhas do paternalismo e da correção política e as complexas relações de consenso e dissenso que se tramam na arte e na política. Na coda dessa história, e com a distância que talvez F & G tenham conseguido tomar somente em Kassel, a obra revelava-se finalmente como uma ficção, no sentido em que é entendida pela arte. “Ficção não é criação de um mundo imaginário oposto ao mundo real”, escreve Jacques Rancière, mas sim “o trabalho que realiza dissensos”, afirma o autor, “construindo relações novas entre a aparência e a realidade” [37]. E também: “A ficção artística e a ficção política sulcam, fraturam e multiplicam esse real de um modo polêmico.” [38]

Mas a história de El Chaco poderia ser concluída também com uma célebre citação, intraduzível a sua maneira, como uma referência sutil às relações equívocas entre as palavras, a matéria e os assuntos da política:

Hamlet: Words, words, words.

Polonius: What is the matter, my lord?

Hamlet: Between who?

Polonius: I mean, the matter you read, my lord. [39]

Enquanto as palavras e as intrigas seguem se multiplicando como o castelo de Elsinore, El Chaco, inconsulto e ensimesmado em sua própria matéria, segue imóvel em seu pedestal chaqueño, ignorante do que revelou em sua obstinada persistência, alheio a seu destino na Terra.

Tradução Ricardo Romanoff

Notas

[1] Área meridional da região do Chaco ou Gran Chaco, como também é conhecida. Esta região se estende pelos territórios argentino, boliviano, brasileiro e paraguaio.

[2] “Guillermo Faivovich & Nicolás Goldberg”, dOCUMENTA (13), The Guidebook, Catalog 3/3, pp. 60-61.

[3] Guillermo Faivovich e Nicolás Goldberg, *The Campo del Cielo Meteorites - Vol. 1: El Taco*, dOCUMENTA (13), Ostfildern, Hatje Cantz Verlag, 2010.

[4] Em “An Attempt at Writing a ‘Compositionist Manifesto’”, Bruno Latour encontra na “composição” (que remete a “reunir” sem que as coisas percam sua heterogeneidade mas também às “composições” da arte), uma alternativa à crítica utópica do pensamento moderno. Em *New Literary History*, University of Virginia, Johns Hopkins University Press, Virginia, Estados Unidos, 2010.

Disponível em

http://www.nobelmuseum.se/sites/nobelmuseum.se/files/page_file/An_attempt_at_writing_a_‘Compositionist_Manifesto’_0.pdf.

[5] Em “Pierre Menard, autor del Quijote” Jorge Luis Borges assegura que o Quixote de Pierre Menard é verbalmente idêntico ao Quixote de Cervantes, mas “casi infinitamente más rico”. *Obras completas*, Buenos Aires, Argentina, Emecé, 1974, p. 449.

[6] *Unbuilt Roads: 107 Unrealized Projects* (eds. Hans Ulrich Obrist e Guy Tortosa), Ostfildern-Ruit, Hatje Cantz, 1997, s/d.

[7] Daniel Birnbaum, diretor da Portikus, define Meteorit „El Taco” como “ready-made cósmico”. Publicado em Carolyn Christov-Bakargiev e Daniel Birnbaum, “Foreword”, Guillermo Faivovich e Nicolás Goldberg, *The Campo del Cielo Meteorites - Vol. 1: El Taco*, op. cit., p. 4.

[8] “The dance was very frenetic, lively, rattling, clanging, rolling, contorted, and lasted for a long time”, dOCUMENTA (13), *The Book of Books*, Catalog 1/3, p. 30.

- [9] Guillermo Saavedra, “En el reino de las intenciones fallidas. Una conversación con César Aira”, La vanguardia, Barcelona, Espanha, 13 de fevereiro de 1990. E Georges Bataille, La experiencia interior, Madrid, Espanha, Taurus, 1973, p. 68.
- [10] First Encounter with El Chaco (2006, vídeo, 12’) foi exibido também no Fridericianum durante a DOCUMENTA (13).
- [11] A zona de dispersão meteórica de Campo del Cielo (“Pigüen Nonraltá” ou “Otumpa” na língua aborígene), ocupa um corredor de 80 quilômetros de extensão e 4 quilômetros de largura na região do Chaco Austral, atualmente no limite entre as províncias de Chaco e Santiago del Estero.
- [12] Secretaría de Cultura, Presidencia de la Nación, Legislación Cultural en la Argentina, Anexo I a la Resolución 224, Ley N° 3.563, 1990, <http://sinca.cultura.gov.ar/sic/gestion/legislacion/ley.php?id=227>.
- [13] Jutta Zipfel & Timothy McCoy, “El meteorito metálico Campo del Cielo”, em Guillermo Faivovich e Nicolás Goldberg, The Campo del Cielo Meteorites - Vol. 1: El Taco, op. cit., pp. 140-141.
- [14] Carta do Servicio Geológico Minero Argentino (SEGEMAR) de 19 de janeiro de 2012.
- [15] Intrigado pela diferença de 3.600 quilos nas pesagens de Romaña e Haag, William Cassidy consultou os povoadores de Gancedo, os quais a atribuíram a uma artimanha do comerciante de fardos de algodão, proprietário da balança que Romaña havia utilizado, provavelmente ajustada para reduzir em 10% o peso real dos fardos. Mimeo.
- [16] 3.600 quilos é a diferença de peso entre as pesagens conhecidas de El Chaco. F & G se “apropriaram” dessa diferença para ressignificar a ausência de El Chaco em Kassel.
- [17] Esse foi o nome que se deu posteriormente a “enorme peça de ferro” descoberta em 1576, durante a expedição guiada por nativos e comandada pelo conquistador Hernán Mexia de Miraval. Hernán Pruden, “Apuntes para una historia de El Taco”, em Guillermo Faivovich e Nicolás Goldberg, The Campo del Cielo Meteorites - Vol. 1: El Taco, op. cit, p. 21.
- [18] Nicolas Bourriaud fala de uma arte “radicante” que “põe em andamento as próprias raízes, em contextos e formatos heterogêneos” em Radicante, tradução de Dorothee de Bruchard, São Paulo, Martins Fontes, 2011, p. 20. [Na versão original dessa nota, em língua espanhola, a autora cita Radicante, Buenos Aires, Argentina, Adriana Hidalgo, 2009, p. 22.]
- [19] Cámara de Diputados, Provincia del Chaco, Sesión extraordinaria del 29-12-11, p. 60.
- [20] “Creio que é uma oportunidade insuperável de abrir as portas do Chaco para o mundo. Tomemos esta responsabilidade, esta oportunidade e levemos adiante esta possibilidade de decolar para um futuro que, seguramente, será melhor do que o que estamos dando hoje ao meteorito.” Ibidem, p. 71.
- [21] Ibidem, pp. 61 e 33.
- [22] “Outra coisa que quero lhes mostrar: Este senhor é Michael Blood, que tem um site dedicado a recuperar dados, a juntar vendedores e compradores de meteoritos. [...] Nessa página está registrado - é necessário registrar-se no site - nosso famoso Haag - mostra as fotos da página -, aí está Bob Haag, este senhor roubou o meteorito do Chaco. [...] Mas neste mesmo site, e lamento muito... [...] interrompe brevemente sua alocação, visivelmente emocionado [...] Guillermo Faivovich, este é o senhor que pediu o meteorito. (Aplausos e exclamações provenientes da bancada radical). Lá está com Nicolás Goldberg. [...]”, Ibidem, pp. 64-65.

- [23] “Funcionários do governo nacional [...] se manifestam a favor de levar o patrimônio dos chaqueños. Claro, se não é deles! [...] Que vivos e como são desprendidos os funcionários do governo nacional!” Ibidem, pp. 44-45.
- [24] “‘Elemento surpresa da mostra’. Que lindo! Que deem surpresas com o que é deles, com o seu, não com o nosso, que pertence a todos os chaqueños!” Ibidem, p. 44. “Em todo caso, se é que tanto lhes interessa o meteorito, que venham ao Chaco, que venham à Argentina, que venham a Gancedo, a Campo del Cielo, vamos recebê-los com os braços abertos e se querem trazer investimentos, então mais ainda – mais ainda – vamos recebê-los com os braços abertos!”, Ibidem, pp. 45-46.
- [25] Marcel Duchamp, citado por Briony Fer, em “Sculpture’s Orbit”, Artforum, Nova York, Estados Unidos, novembro de 2006.
- [26] “El Chaco”, dOCUMENTA (13) Resources, 21 de janeiro de 2012, <http://d13.documenta.de/#/research/research/view/el-chaco>.
- [27] Roberto Esposito, Diez pensamientos acerca de la política, Buenos Aires, Argentina, Fondo de Cultura Económica, 2012, pp. 73-74.
- [28] Ibidem, p. 85.
- [29] “É sabido que os cientistas alemães, desde a época de Hitler, vêm buscando e investigando pedras com fins inclusive esotéricos. Este é um dos meteoritos que desde muito tempo está na mira da NASA e de cientistas que respondem a interesses do império.” Declarações de grupos opositores citadas em “Crece la oposición comunitaria para que el meteorito Chaco no sea llevado a Alemania”, Diario Norte, Resistencia, Chaco, Argentina, 19 de janeiro de 2012.
- [30] Victorio Tomassone, “El meteorito, no”, Cartas de Lectores, Diario Norte, Resistencia, Chaco, Argentina, 6 de janeiro de 2012.
- [31] Augusto Isidro Teuber, “No vale la pena el riesgo”, ibidem.
- [32] “Evitemos que el meteorito ‘El Chaco’ sea trasladado a Alemania”, ação promovida por Alejandro López, <http://actuable.es/peticiones/evitemos-el-meteorito-el-chaco-sea-trasladado-alemania>. Em seus próprios trabalhos acadêmicos, no entanto, o mesmo antropólogo havia concluído que “muitas das afirmações feitas usualmente, em especial aquelas referidas ao ‘culto’ que os aborígenes teriam rendido ao meteorito, são altamente especulativas”. Giménez Benítez, Sixto, Alejandro Martín López e Luis Mammana (1999), “Meteorites of Campo del Cielo: Impact on the Indian Culture”, em C. Esteban y J. A. Belmonte Avilés, ‘Astronomy and cultural diversity’. Proceedings of the International Conference Oxford VI and SEAC 99 C., La Laguna, Canarias, 1999, pp. 335-341.
- [33] “El Chaco”, dOCUMENTA (13) Resources, 21 de janeiro de 2012, <http://d13.documenta.de/#/research/research/view/el-chaco>.
- [34] “Endorsement of the Consejo Moqoit (English translation) January 24, 2012”, e “Movimiento del Pueblo Moqoit del Chaco Argentino”, Ibidem.
- [35] “email from artist and writer Etel Adnan, January 26, 2012”, Ibidem.
- [36] Carta do Concejo Moqoit ao governador Jorge Capitanich, 8 de fevereiro de 2012.
- [37] Jacques Rancière, Dissensus. On Politics and Aesthetics, Londres, Continuum, 2010, p. 141. [Para esta publicação, utilizamos a tradução para o português do texto “Paradoxos da arte política”, publicado em Jacques Rancière, O espectador emancipado, tradução de Ivone C. Benedetti, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 64.]
- [38] Ibidem, p. 149. [Na versão em português, Ibidem, p. 74-75.]
- [39] William Shakespeare, Hamlet, The Complete Works, (eds. Stanley Wells y

Gary Taylor), Londres, Oxford University Press, 1988, p. 666. [Em português: "Hamlet: Palavras, palavras, palavras. / Polônio: Qual a questão, meu senhor? / Hamlet: Entre quem? / Polônio: Quero dizer, a questão sobre que estais lendo, meu senhor." William Shakespeare, Hamlet, tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos, São Paulo, Editora Abril, 1976, p. 81.]

Este artigo integrou o livro *The Campo de Cielo Meteorites Vol. II CHACO*, publicado pela dOCUMENTA (13) em 2012.

GRACIELA SPERANZA é crítica, narradora e roteirista de cinema. Tem doutorado em Letras pela Universidade de Buenos Aires, na qual leciona literatura argentina. Também é professora, desde 2009, no programa de artistas da Universidade Torcuato Di Tella. Entre outros livros, publicou: *Guillermo Kuitca. Obras 1982-1998*, Manuel Puig. *Después del fin de la literatura*, e dois romances, *Oficios ingleses* e *En el aire*. Em 2002 recebeu a bolsa Guggenheim para desenvolver um projeto de ensaio publicado em 2006, *Fuera de campo. Literatura y arte argentinos después de Duchamp*. Entre 2008 e 2012 integrou o projeto "Surrealismo en América Latina" no instituto de pesquisa Getty de Los Angeles e editou com Rita Eder e Dawn Ades a antologia *Surrealism in Latin America. Vivísimo muerto* (2012). Seu último livro, *Atlas portátil de América Latina. Arte y ficciones errantes* (2012), foi finalista do Premio Anagrama de Ensayo. Colaborou nos periódicos Crisis, Babel, Página 12, Clarín e adn. Desde 2003 dirige com Marcelo Cohen a revista de letras e artes [Otra parte](#).

GUILLERMO FAIVOVICH nasceu em Buenos Aires em 1977. NICOLÁS GOLDBERG nasceu em Paris em 1978. Os dois moram e trabalham em Buenos Aires. Desde 2006, Faivovich & Goldberg trabalham no *Um Guia para Campo del Cielo*, um projeto que procura investigar o impacto cultural dos meteoritos do Campo del Cielo, no Chaco, Argentina, através de estudos, reconstruções e reinterpretações da história escrita, oral e visual. Com o objetivo de identificar as problemáticas históricas e contemporâneas. Em 2010, Faivovich & Goldberg expõem *Meteorit 'El Taco* em Portikus, Frankfurt. Na ocasião desta exposição, foi publicada peça Hajte Catnz o livro "The Campo del Cielo Meteorites - Vol 1: El Taco", produzido peça dOCUMENTA (13). Recentemente, eles exibiram um trabalho na CA2M - Centro de Arte Dos Mayo, em Móstoles, Madrid e

LABoral em Gijón. Em 2013, participam da 9ª Bienal do Mercosur, Porto Alegre; e participam do programa *Artists on Artists* no DIA Foundation, New York.

Artigo publicado na Revista Carbone #5

[Gravidade - verão 2013/2014]

<http://www.revistacarbono.com/edicoes/05/>

Todos os direitos reservados.